



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

OS (DES) CAMINHOS NA TRANSGRESSÃO DO FEMININO EM MEMORIAL DE MARIA MOURA

Edvânia Martins Lopes

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

edvaniamartins2010@gmail.com

Resumo

Rachel de Queiroz nos apresenta em *Memorial de Maria Moura* uma narrativa cujo protagonismo principal centra-se na figura de Maria Moura, mulher-guerreira que, apresentando um comportamento transgressor, subverte os códigos morais, modelos esperados para uma mulher no contexto do patriarcado, tornando-se subvertora de normas e leis. Propomos nessa pesquisa descritivo-interpretativa, através da análise do comportamento e do discurso da personagem-protagonista, compreender a trajetória transgressora de Maria Moura no decorrer da narrativa; refletir sobre sua vivência enquanto sujeito feminino que se masculiniza para chefiar um bando; discutir sua atuação amorosa com diferentes parceiros; entender como Maria Moura dispõe do corpo e da sexualidade, atuando como mulher dividida entre amar e comandar. À luz de bibliografia pertinente - que versa sobre sexualidade, relações de gênero e a situação feminina no contexto do patriarcado - discute-se a atuação transgressora do feminino e suas implicações na desconstrução de estereótipos difundidos nos discursos sociais. Constata-se que quando fica órfã de pai e mãe, Moura não sucumbe ao destino de deixar-se governar pela sordidez de seu padrasto Liberato. Nesse tempo de adversidades, é que lhe nasce a capacidade para pensar estratégias necessárias à conquista de sua autonomia enquanto mulher, que trazia o desejo de tornar-se poderosa. As ações de Moura na narrativa apresentam-se sempre contrárias à fragilidade ou passividade, geralmente associadas ao comportamento das mulheres. Ela age sempre de acordo com seus códigos próprios, faz suas leis, sentenciando destinos, ora aos outros ora a si mesma.

Palavras-Chave: Maria Moura, Gênero, Transgressão.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Introdução

Rachel de Queiroz nos apresenta em *Memorial de Maria Moura* (2007) uma narrativa cujo protagonismo principal centra-se na figura de Maria Moura, mulher-guerreira que, apresentando um comportamento transgressor, subverte os códigos morais, modelos esperados para uma mulher no contexto do patriarcado e até mesmo exigidos pelas leis. Por tal postura, a personagem torna-se uma figura emblemática para os estudos sobre o feminino na literatura porque rompe com padrões pré-estabelecidos para a forma de agir de uma mulher. Por isso, falamos em “(des)caminhos do feminino”, pois o “caminho” que o feminino deveria percorrer no contexto da cultura patriarcal seria o casamento e a maternidade e essa personagem opta por ter uma vida independente da presença de um homem que lhe pudesse ditar seu destino.

As ações de Moura na narrativa apresentam-se sempre contrárias à fragilidade ou passividade, geralmente associadas ao comportamento das mulheres. Quando fica órfã de pai e mãe, não sucumbe ao destino de deixar-se governar pela sordidez de seu padrasto Liberato. Nesse tempo de adversidades, é que lhe nasce a capacidade para pensar estratégias necessárias à conquista de sua autonomia enquanto mulher, que trazia o desejo de comandar a si e aos outros.

Em total desacordo com o que seria designado como destino para uma órfã, Maria Moura se inicia em busca de se autorrealizar. O estar sozinha no mundo não a fez sucumbir a uma vida infeliz, pelo contrário, imbuída pelo sonho da conquista de ser grande, ruma com seu bando em busca dos bens que lhe trariam felicidade, pois, na concepção da personagem, tornar-se “grande” e poderosa seriam as condições fundamentais de sua existência.

Eu queria ter força. Eu queria ter fama. Eu queria me vingar. Eu queria que muita gente soubesse quem era Maria Moura. Sentia que, dentro da mulher que eu era hoje, não havia mais lugar para a menina sem maldade, que só fazia o que a mãe mandasse ou o pai permitisse. (QUEIROZ, 2007, p. 124)



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O desejo de grandeza a inquietava tanto que a orfandade acaba por aguçar-lhe a capacidade de planejar seu novo destino. Analisando as consequências da perda dos pais na vida de Maria Moura, Barbosa (2011, p.29) afirma que

A orfandade, ainda que de um modo doloroso, ofereceu-lhe a possibilidade de romper as amarras que a prendiam ao povoado de Vargem da Cruz. A falta de mãe ao invés de enfraquecê-la, aguça - lhe a determinação de encontrar meios de sobreviver e de, posteriormente, conquistar a fama e o reconhecimento.

Barbosa (2011) acredita que a orfandade é um “elemento propulsor” que contribui para que as personagens de Rachel de Queiroz tenham maior autonomia na escolha de seus próprios caminhos. De certa forma, esse estado proporciona-lhes algo positivo, posto que sozinhas aprendem pela dor a traçar seus planos de vida e ir em busca de concretizá-los. Ao ver-se desprotegida, Maria Moura sentencia o novo rumo a ser dado ao seu modo de viver: “No que toca à minha vida - minha vida particular – só me resta ser eu mesma o meu pai e a minha mãe. E quem sabe o meu marido” (QUEIROZ, 2007, p. 232).

O presente estudo visa analisar o comportamento transgressor de Maria Moura, protagonista do romance *Memorial de Maria Moura*, de Rachel de Queiroz, publicado originalmente em 1992. Temos como objetivos compreender a trajetória transgressora de Maria Moura no decorrer da narrativa; refletir sobre sua vivência enquanto sujeito feminino que se masculiniza, chefiando um bando; discutir sua atuação amorosa com Duarte – primo bastardo – e Cirino – jovem rico; entender como Maria Moura dispõe do corpo e da sexualidade, atuando como mulher dividida entre amar e comandar, sentimento e ação que parecem inconciliáveis na vida da personagem.

Metodologia



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Dadas a pluralidade de vozes narrativas - visto que os capítulos são narrados por diferentes personagens que compõem a obra - e a extensão do romance, pesquisaremos episódios que apresentem a própria Maria Moura como personagem central. Como nossa pesquisa se propõe a investigar as transgressões do feminino, selecionaremos trechos em que Maria Moura se apresenta em posição de comando – dos outros e de si mesma; analisaremos sua postura diante de questões como o amor e o casamento; como ela lida com a sexualidade e como esta se modifica em função do parceiro com o qual se relaciona; outro foco na análise será a busca pelo poder, traço determinante na personalidade de Moura.

As análises sobre o comportamento da personagem em relação a temas como envolvimento amoroso, orfandade e busca de poder terão como norte as teorias de Barbosa (2011) e Xavier (1998); Foucault (1984) subsidiará a discussão sobre a sexualidade ; Beauvoir (1967) será o aporte da pesquisa no que diz respeito à naturalização do casamento como destino às mulheres e Bourdieu (2009) será usado para tentarmos entender a legitimação da visão androcêntrica no contexto do patriarcado.

Resultados e discussão

O incesto é uma das primeiras transgressões que Maria Moura comete. Por nutrir uma certa rivalidade com a mãe, ela não vê nenhum problema em consentir os assédios de Liberato: “Se mãe queria por que não eu?” (QUEIROZ, 2007, p.124).Essa frase surge como uma justificativa para explicar o porquê de ela dividir com o padrasto o mesmo leito que fora da mãe.Sem nenhum remorso, ela permite os “adiantamentos” de Liberato até descobrir que ele era o assassino de sua mãe. Temendo também ser assassinada, visto que Liberato não escondia o desejo de se apoderar das terras, Maria Moura arquiteta o assassinato do padrasto. Para conseguir seu intento, usa de estratégias de conquista e consegue que Jardimino,



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

acreditando que o padrasto era o único entrave à sua união com ela, acabe com a vida de Liberato.

Com esse jogo de provocação, Maria Moura livra-se do seu primeiro desafeto. Mas restava-lhe livrar-se de Jardimino, que já andava bastante entusiasmado para oficializar a união do casal. Assim, a personagem planeja a segunda morte: pede que ele a visite à noite e diz a João Rufo, fiel empregado da fazenda, que alguém estava tentando entrar no quarto dela durante a noite. Quando Rufo fica de tocaia para proteger a honra de sua patroa, assassina Jardimino, que chegava ao quarto de Moura achando que teria ali um encontro amoroso às escondidas.

A partir daí, a máxima “Ou é ele, ou sou eu” (QUEIROZ, 2007, p. 429) será sempre usada para justificar suas decisões de se livrar dos homens que a impediam de tornar-se uma mulher independente. De acordo com Barbosa (2011, p.44), “Todos os crimes arquitetados por Maria Moura resultam da ultrapassagem de obstáculos que se interpõem entre ela e seus objetivos. Quando não é possível removê-los pacificamente, ela manda exterminá-los”.

o meu marido” (QUEIROZ, 2007, p. 232).

Adquirida a liberdade de agir como bem entendesse, modifica sua aparência e transforma a sinhazinha em uma guerreira que mais parecia um homem: “[...] puxei o meu cabelo que me descia pelas costas feito uma trança grossa; encostei o lado cego da faca na minha nuca e, de mecha em mecha, fui cortando o cabelo na altura do pescoço” (QUEIROZ, 2007, p.86). A ação de cortar os longos cabelos com a faca, vestir-se com roupas masculinas e montar a cavalo escanchada já denotam o quanto Maria Moura deseja esconder sua feminilidade. Afinal, para lançar-se fora do espaço doméstico, ela precisava que seus cabras esquecessem que o comando do bando estava nas mãos de uma mulher.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Ao adotar esse comportamento, podemos dizer que a personagem confirma a visão androcêntrica aceita pela sociedade, que legitima o poder culturalmente dado ao sexo masculino. Segundo Bourdieu (2009, p.44)

A visão androcêntrica é assim continuamente legitimada pelas próprias práticas que ela determina: pelo fato de suas disposições resultarem de incorporação do preconceito desfavorável contra o feminino, instituído na ordem das coisas, as mulheres não podem senão confirmar seguidamente tal preconceito.

Percebemos que Maria Moura nutre um conceito prévio em relação ao fato de que uma mulher não despertaria respeito no bando. Para seus homens obedecerem às suas ordens, assujeitarem-se ao seu comando, havia necessidade de uma masculinização e ela a incorpora utilizando-se, para isso, de vestimentas que foram de seu pai e de modos que descaracterizavam sua feminilidade “Vou prevenir a vocês: comigo é capaz de ser pior do que com cabo e sargento. Têm que obedecer de olhos fechados. Têm que se esquecer de que eu sou mulher – para isso mesmo estou usando essas calças de homem” (QUEIROZ, 2007, p. 86).

Nossa protagonista procura sempre ocultar sua feminilidade para passar uma imagem de liderança. Pode-se dizer que ela nega seu lado mulher em detrimento de seu poder como guerreira, por isso as características femininas, concebidas como sinônimo de fragilidade, deveriam ser apagadas na sua vivência. Essa atitude ilustra o quanto a protagonista confirma a visão androcêntrica sobre a qual Bourdieu (2009) nos fala:

Por conseguinte, a representação androcêntrica da reprodução biológica e da reprodução social se vê investida da objetividade do senso comum, visto como senso prático, dóxico, sobre o sentido das práticas. E as próprias mulheres aplicam a toda a realidade e, particularmente, às relações de poder e que são produto da incorporação dessas relações de poder e que se expressam nas oposições fundantes da ordem simbólica.(BOURDIEU, 2009, p. 45)



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Desde a infância, Maria Moura já apresentava postura masculinizada. Ela mesma tem consciência de que o comportamento padrão para uma mulher lhe era estranho: “De menina, eu já andava a cavalo e escanchada. Pai dizia que eu parecia um macho e logo que ficasse moça tinha que aprender andar de lado”(QUEIROZ, 2007, p. 90). Quando adulta, ela incorpora o processo de perda da feminilidade como um pré-requisito para adquirir poder. Esse poder é associado à masculinidade, porque para ser chefe de um bando, a imagem de uma mulher frágil não despertaria respeito em seus comandados. Segundo Xavier (1998, p.39), Maria Moura “[...] recusa o destino imposto à mulher pela sociedade. Assumindo os padrões comportamentais masculinos, corta o cabelo, modifica seu visual e dá início a uma existência de aventuras, de marginalidades e de crimes”.

Maria Moura desejava ter força, fama, queria ser conhecida e reconhecida por muita gente. Esse desejo criou nela a obstinação em busca do poder. Por isso intenta chegar à Serra dos Padres, onde, de acordo com Xavier (1998, p.40), “[...] manda construir a Casa Forte e se estabelece como dona absoluta, cujo poder é enfaticamente reconhecido por todos”. A “aquisição” de terras, gado e ouro vai lhe proporcionando respeito, tornando-a poderosa. As atitudes beligerantes lhe fazem temida e ela se afeiçoa a isso: “Dizia o povo que a Dona da Casa Forte não carece de cadeia nem de delegado. Lá mesmo ela julga e dá sentença: eu gostava dessa fama , me sentia forte com o povo tendo medo de mim” (QUEIROZ,2007,p.342). Assim, a “menina sem maldade” se transforma numa mulher que, na busca pelo poder e pela fama, encontra justificativas para todos os seus atos marginais.

Ao analisarmos a postura de Maria Moura em relação a seu parceiro Duarte, percebemos uma inversão nos papéis masculino e feminino aceitos por essa moral tradicional, pois em vez de o domínio do relacionamento ser posto na mão do homem, é ela quem o detém, decidindo sobre quando os encontros amorosos devem acontecer: “Duarte e eu, continuava com nossa amizade encoberta. O nosso



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

costume era eu dar o sinal , na hora da ceia, apertando a mão ou o ombro dele, quando achava que a noite ia consentir”(QUEIROZ,2007,p.351).

Esse é um dos pontos em que a transgressão em Maria Moura acontece, pois contrariando o comportamento de passividade esperado pelo sexo feminino, ela inverte o que é considerado paradigma na relação sexual e assume o papel do masculino. Como nos explica Foucault,em *A história da sexualidade* (1984, p.59)

Mas é preciso sublinhar que, na prática dos prazeres sexuais, distingue-se claramente dois polos, como também podem ser distinguidos na função gerativa; são dois valores de posição – a do sujeito e do objeto, a do agente e a do paciente: como diz Aristóteles, ‘a fêmea enquanto fêmea é de fato um elemento passivo e o macho, enquanto macho, um elemento ativo’.

Por ser ela a detentora desse poder de decisão sobre quando os encontros aconteceriam, assume o comportamento que deveria ser do homem, contrariando assim o padrão feminino de passividade na relação amorosa. Logo, ela se torna o sujeito na relação sexual e Duarte, o objeto. Percebemos que, quando se relaciona com seu primo bastardo, Maria Moura sempre dispõe de seu corpo numa relação de superioridade. Buscou disciplinar seus desejos para que pudesse manter o domínio nesse relacionamento. Ainda citando Foucault (1984, p.87),“A virtude na ordem dos prazeres não é concebida como um estado de integridade, mas como uma relação de dominação, uma relação de domínio.[...] ‘Dominar os desejos e os prazeres’, exercer poder sobre eles, comandá-los”.

Podemos dizer que Maria Moura, nesse relacionamento, possui a virtude do domínio das pulsões sexuais. Enxergando Duarte como um homem inferior, por ser bastardo, não era difícil para ela manter sua superioridade. Nossa afirmativa se justifica porque, quando Cirino surge na vida de Moura, a relação amorosa se inverte e ela já não detém o poder de decisão, pois esse amante apresenta um comportamento ativo e ele mesmo vai ao encontro dela quando lhe dá vontade, não espera que lhe seja dada a permissão, pela qual Duarte esperava.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A Maria Moura guerreira tem o poder nas mãos, tem a fama de forte que causa medo às pessoas, usurpa direitos legais de julgar e dar sentença, torna-se, ela mesma, a própria lei. Mas a obtenção desse poder não a realiza plenamente, pois existe uma porção mulher que reclama outros prazeres. Ela sentia falta de ter um homem, seu lado feminino tinha outros anseios, incompatíveis com sua vida de comando: “Eu gostava de comandar, onde eu estou quero o primeiro lugar. [...] Mas por outro lado, também queria ter um homem me exigindo, me seguindo com os olhos cobiçosos, como se eu fosse coisa dele” (QUEIROZ, 2007, p. 206). E foram essas pulsões de mulher que a fizeram “baixar a guarda” em relação a Cirino, homem branco e bonito, a quem ela deveria proteger na Casa Forte.

Essa paixão a modificou e com isso seus sentimentos passionais vão enfraquecendo a dureza da guerreira. Desse modo, à medida que ela ia se apegando ao novo hóspede da fazenda, vai se fragilizando, perdendo a força de guerreira acostumada a ter o domínio das situações e das pessoas em suas mãos: “Eu pensava às vezes em entregar tudo o que era meu a ele – a casa, a fazenda, os homens, o comando de tudo, ficar sendo só a mulher dele[...]” (QUEIROZ, 2007, p. 399). Ela sente vontade de se entregar a esse amor de forma absoluta, a ponto de deixar que Cirino administrasse seus bens e lhe fosse possível passar a ser apenas esposa. Essa atitude parece ser comum na vida real das mulheres poderosas que se veem amorosamente envolvidas.

Beauvoir (1967, p.66) nos fala da nova condição que uma jovem adquire quando se torna esposa: “Ela se libertará do lar paterno, do domínio materno e abrirá o futuro para si, não através de uma conquista ativa e sim entregando-se, passiva e dócil, nas mãos de um novo senhor”. Para muitas mulheres, o casamento é o destino natural, elas o esperam com resignação e, por vezes, até com certa ansiedade ou porque estão apaixonadas e desejam viver esse sentimento de forma intensa ou porque desejam sair do domínio paterno. Analisando essa cultura de uma



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

jovem “sonhar sua futura passividade”, Beauvoir (1967, p.67), em seu livro *O segundo sexo*, afirma que

O casamento não é apenas uma carreira honrosa e menos cansativa do que muitas outras: só ele permite à mulher atingir a sua dignidade social integral e realizar-se sexualmente como amante e mãe. É sob esse aspecto que os que a cercam encaram seu futuro e o que ela própria o encara. Admite-se unanimemente que a conquista de um marido – em certos casos, de um protetor – é para ela o mais importante dos empreendimentos.

O amor que Maria Moura sentia por Cirino fez com que ela considerasse a hipótese do casamento dando continuidade ao que era natural para uma mulher, sobretudo órfã. Agindo assim, todo o seu poderio seria trocado pela sensação de tornar-se apenas esposa, mas logo percebeu que era sua posição de poder que a tornava atraente, se ela passasse a ser apenas esposa, Cirino não mais a admiraria: “Se eu largar os meus modos, se eu perder a minha fama e o meu comando, ele logo se abusa de mim e sai atrás de outra”(QUEIROZ, 2007,p. 399).

Contudo, a traição de Cirino, ao assassinar um homem que estava sob a proteção dela, surge como desfecho para o conflito interior da personagem. Não fora isso, talvez ela tivesse mesmo lhe entregado a administração dos bens e, num comportamento romantizado, passasse também a ser “coisa dele”.Entretanto, ao descobrir a traição, a guerreira é acometida por um sentimento de vingança:

Eu tenho é que dar um castigo completo, para todo mundo ficar sabendo no sertão: que ninguém trai Maria Moura sem pagar depois e pagar caro. E nesse momento enfrentei pela primeira vez o pior: ele tem que pagar com a vida. De modo que me vejo na situação que começou com a morte de Liberato: ou é ele, ou sou eu (QUEIROZ, 2007, p. 429).

Castigá-lo não foi nada fácil. A paixão a fazia fraquejar, de forma que só conseguiu encará-lo estando com arma de fogo na mão: “Eu só consegui olhar bem dentro dos olhos dele, com a garrucha ainda colada ao corpo, para me dar firmeza à mão trêmula” (QUEIROZ, 2007, p. 468). Não fosse o uso da arma de fogo, Maria Moura teria, em nome da paixão que sentia por Cirino, fraquejado. Xavier (1998,



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

p.41), analisando esse comportamento de Maria Moura, afirma que “[...] a garrucha, símbolo fálico, lhe dá firmeza necessária para superar sua carência afetiva e realizar o projeto de morte”. Mais uma vez Maria Moura confirma seu comportamento masculino e, se lhe faltaram forças para atuar como uma guerreira, restou-lhe buscar uma arma para lhe mascarar a fraqueza gerada pelos sentimentos de mulher .

CONCLUSÃO

Consideramos que Maria Moura realmente se configura como uma personagem transgressora de valores impostos ao feminino. Age sempre de acordo com seus códigos próprios, faz suas leis, sentenciando destinos, ora aos outros ora a si mesma. Em relação ao que se naturalizou como destino à mulher, embora ela tenha cogitado entregar a administração de seus bens a Cirino e passar a desempenhar apenas o papel de esposa dele, o que vigorou foi a postura de se manter autônoma enquanto sujeito feminino; conservando a sobriedade, a racionalidade, ela não se deixou governar pelos impulsos da paixão, que a impeliam a perdô-lo. Sendo assim, o dilema do amor fragilizante, inconciliável com a força, foi superado pela personagem .

Se a ela o amor torna-se uma barreira à consolidação de seu poder, ela o destrói e, numa espécie de fuga de si mesma, planeja uma nova aventura ilícita com o bando. Diante dessas circunstâncias, ela parte tentando esquecer a tragicidade do desfecho de seu relacionamento com Cirino. Apesar do perigo que iriam enfrentar, a personagem sentencia “Se tiver que morrer lá, eu morro e pronto. Mas ficando aqui eu morro muito mais” (QUEIROZ, 2007, p. 493). Essa última afirmação da guerreira nos deixa claro que a morte do amado lhe causara uma profunda dor que precisava ser superada.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Lourdinha Leite. **Protagonistas de Rachel: caminhos e descaminhos.** 2º ed. Fortaleza, SECULT/CE – 2011.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: uma experiência vivida.** Tradução de Sérgio Millet. 2ª ed. São Paulo: difusão Europeia do livro, 1967.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Tradução de Maria helena Kühner. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade: o uso dos prazeres.** Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

QUEIROZ, Rachel. **Memorial de Maria Moura.** 19ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

XAVIER, Elódia. **Declínio do patriarcado: a família no imaginário brasileiro.** Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, 1998.